

# Democracia Sem Cidadãos

Raul Pilla

**E**M carta que dirigiu à seção carioca da União Democrática Nacional, o general Euclides de Figueiredo, chefe militar da Revolução Constitucionalista de São Paulo, recusou candidatar-se à deputação, por haver falido totalmente o regime eleitoral vigente. E faliu não somente por fraudes na apuração, mas também porque o povo, pela segunda vez reintegrado no gozo do seu sagrado direito, até agora não soube utilizar o voto por falta de educação cívica.

Conquanto um grande passo já se tenha dado — o voto é formalmente uma realidade, deposita-se na urna e apura-se aproximadamente — alentadores não têm sido os resultados. Imperam o suborno, a corrupção e, agora em grau incomparavelmente menor, a fraude, pois longe vai a época das atas falsas e dos reconhecimentos políticos.

Como se explica que a reforma eleitoral não tenha dado os resultados que geralmente se esperavam? É simples. Era previsível e fôra previsto. O voto é apenas um instrumento e, como tal, pode ser bem ou mal empregado. Pressupõe, para ser útil, capacidade cívica. Disto, porém, nunca se cuidou. Lembro-me ainda da fé com que se esperava a regeneração da nossa vida pública só por efeito do voto secreto.

A revolução de 1930 trouxe-nos, finalmente, depois de muitas negações, o sigilo do sufrágio. A primeira experiência, feita sob o Código Assis Brasil, foi animadora. Mas trunçou-a o Estado Novo. E a rudimentar preparação que, apesar de tudo, trazíamos da República velha foi submersa pela demagogia e pela corrupção da prolongada ditadura. Voltamos a ter voto, mas já não tínhamos cidadãos. E não se curou de os refazer. Não havia sequer consciência do problema, que era, sobretudo, problema de educação. Esta é a tragédia, de que a carta do general Euclides Figueiredo nos dá uma cena dolorosa.

É que, se a verdade do voto constitui a sua base, a democracia requer também um mecanismo político adequado, que não somente recolha a vontade do eleitor, mas também lhe possa formar e esclarecer a consciência. Eleitores pervertidos são mais danosos do que eleitores simplesmente fraudulentos.

Ora, é coisa geralmente reconhecida pelos publicistas que com a questão se ocuparam, que o sistema presidencial não favorece a educação política e que, pelo contrário, o sistema parlamentar institui uma verdadeira escola, que educa os cidadãos e forma estadistas.

Tal escola foi justamente o que faltou no Brasil republicano. Temos saído do presidencialismo, para a ditadura, e desta temos voltado ao presidencialismo. Neste jogo, a nossa precária democracia só tem podido deteriorar-se. Em verdade, o que temos é demagogia, isto é, perversão da democracia.